

Apresentação

“é mais fácil cultuar os mortos que os vivos / mais fácil viver de sombras que de sóis / é mais fácil mimeografar o passado / que imprimir o futuro.” (Zeca Baleiro, Minha Casa)

Em tempos tão turbulentos, nos quais as batalhas sobre memórias, narrativas e verdades são novamente polarizadas em termos de eu/outros no Brasil, a disciplina História torna-se alvo de atenções não somente dos/as professores/as e pesquisadores/as, mas sobretudo da sociedade civil e das políticas públicas. Em um período curto de tempo, a reforma por decreto do Ensino Médio, a ascensão de movimentos ultraconservadores como Escola sem Partido, a desfiguração da Política Nacional do Livro Didático, a aprovação da terceirização das atividades-fim, o congelamento dos gastos públicos por vinte anos e a opaca tramitação da quarta versão da Base Nacional Curricular Comum são indícios que sinalizam para uma profunda mudança tanto no ofício docente como na área de Ensino de História. Ainda impactados com tais transformações, os/as professores/as de História procuram, com seus pares, reforçar a especificidade do seu conhecimento, em diálogo profícuo com a epistemologia da ciência e com a didática, no intuito de pluralizar e problematizar as narrativas construídas sobre o passado, muitas delas em disputa.

A captura de conceitos como “liberdade”, “democracia”, “verdade” e “memória” pela mídia e pelos intensos debates nas redes sociais tornam cada vez mais necessário o trabalho metodológico rigoroso do/a historiador/a que, no meio das chamadas pós-verdades, dicotomizações, anacronias e simplificações explicativas, tem um rico material para análise e crítica nos ambientes educativos. Mais do que nunca, as aulas de História são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades lecto-escritoras que possibilitam não somente a leitura das fontes do contemporâneo, com suas especificidades do imediatismo, viralização e autoria partilhada, como de outras

temporalidades. Mais do que nunca, o trabalho do/a professor/a pesquisador/a em História possibilita o alargamento do horizonte de expectativa, ao cotejar múltiplas narrativas e fomentar a participação dos estudantes no processo de ser, estar e expressar o mundo que o rodeia.

Nesse cenário, a formação docente – inicial e continuada – ganha ainda maior relevância, afinal, passa a configurar o lugar de conhecimento e enfrentamento dos desafios apontados anteriormente. No que concerne à formação continuada de professores/as de História, o Mestrado Profissional em Ensino de História – iniciado no ano de 2014 – tem se constituído como importante espaço para a formação desses profissionais que passam a ter uma experiência de pesquisa junto ao espaço escolar.

Sobre o Mestrado Profissional em Ensino de História, cabe dizer que se trata de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ensino de História que tem “como objetivo proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica, visando a dar ao egresso qualificação certificada para o exercício da profissão de professor/a de História.” O referido programa teve sua aprovação junto ao Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) / CAPES em agosto de 2013, tendo obtido o conceito 4. Em 2014, a primeira turma do ProfHistória iniciou o seu curso; em 2016, houve o ingresso da segunda turma e a terceira turma iniciará em 2018.

Desde o primeiro momento, o ProfHistória foi pensado como uma rede que abrigasse universidades em diferentes regiões do país, propulsionando as pesquisas sobre a educação básica. Assim, no momento de sua criação, a rede do ProfHistória contou com a participação 12 IES (UFRGS, FURG, UFSM, UESC, UFSC, UFT,UFRRJ, UFF, UNIRIO, UERJ, PUC-RIO) sendo a UFRJ sua instituição âncora.

Em 2015, a rede foi ampliada em mais 18 núcleos, dispostos em todas as regiões do país: UFRJ, UFRRJ, UERJ, UNIRIO, UFF, PUC-Rio, UFT, UDESC, UFSC, UFRGS, UFSM, UFPR, UEM, UNESPAR, UEPG, UNIFESP, UNICAMP, UFMT, UEMS, UNEMAT, UNEB, UFS, UFRN, UFPE, URCA, UFPA, UNIFAP. A proposição, portanto, de um dossiê dedicado à produção dos/as mestres/as e mestrandos/as do ProfHistória é oportuna e traz elementos para

discutir a importância de uma política pública voltada à formação continuada e em serviço, que tem construído tantas pontes entre Universidade e Escolas, em uma tessitura de saberes, linguagens e ações docentes que se enriquecem mutuamente.

É possível observar a força da escrita sobre o ofício docente com a poeira de giz, que traz para os trabalhos poesia, inquietação e polifonia. Um dos maiores méritos dos programas profissionais parece ser o fortalecimento da autoria docente em seus múltiplos textos, o que oportuniza uma riqueza temática e teórico-metodológica. A bússola do aprimoramento da educação básica transparece em todas as produções selecionadas, que versam sobre pesquisas, reflexões e também produtos. O laboratório da sala de aula, tão cheio de subjetividades, experiências e saberes é descortinado pelos/as autores/as, convidando-nos a um mergulho na pluralidade de práticas, culturas escolares, sujeitos e saberes.

O primeiro artigo, **Ensinar, pesquisar, ensinar: a experiência dos Mestrados Profissionais**, escrito a oito mãos pelas professoras Carmem Zeli de Vargas Gil e Caroline Pacievitch e pelos professores Fernando Seffner e Nilton Mullet parte do princípio que o professor é um intelectual transformador, pressuposto que permeia toda a construção da análise sobre a experiência dos Mestrados Profissionais. Os autores sublinham a importância dos Mestrados para a produção de olhares reflexivos sobre as práticas docentes, que rompem com o discurso da “falta”, mormente pautado por uma normatização externa à própria cultura escolar e que produz diagnósticos de culpabilização, paralisia e reprodutivismo da escola. Propõem a ampliação do conceito de cultura escolar como uma potência para percepção das rasuras cotidianas no ofício docente e a importância da escola como zona de encontro entre culturas e gerações. Por meio dos indícios produzidos pelos programas, apontam a imersão de narrativas autorais deslocadas de cânones temporais e convidam os leitores a perscrutar as potencialidades do Mestrado Profissional.

Por sua vez, o artigo **ProfHistória, experimento sem prognóstico**, é um ensaio no qual Bruno Flávio Lontra Fagundes discorre sobre a criação do programa pensando sobre as hipóteses que fundamentaram o surgimento do ProfHistória como curso, e projeta

indicações como os encaminhamentos do mesmo. Para embasar suas reflexões, o autor do texto se reporta ao contexto de criação do curso, passando por uma análise sobre o campo da História e a função dos historiadores e ainda traz apontamentos sobre alguns dos trabalhos apresentados.

O artigo **Aprender pesquisando, ensinar aprendendo: percursos formativos que reinventam práticas e saberes docentes, de autoria de** Hugo Alexandre Araújo e Marta Margarida de Andrade Lima, é um texto que apresenta uma reflexão conceitual sobre a apropriação e o significado do passado entre estudantes de História partindo dos suportes teóricos advindos do campo da Educação Histórica. São abordados os conceitos de literacia histórica, conceitos substantivos e meta-históricos na intenção de percebê-los como elementos estruturantes da História como disciplina.

O quarto artigo, **Indígenas em contexto urbano e o ensino de História**, escrito pela Profa. Ms. Thais Elisa da Silveira, egressa da primeira turma do Mestrado Profissional da UERJ, narra sua experiência na construção de materiais pedagógicos sobre a presença de indígenas na cidade do Rio de Janeiro. Escrito em primeira pessoa, a autora demonstra sua perplexidade ao constatar seu desconhecimento sobre a herança indígena nas salas em que atuava, o que certamente a impulsiona na construção da exposição itinerante e do caderno de atividades. Por meio da reflexão sobre sua prática, em diálogo com uma discussão teórico-metodológica sobre o “dever de memória”, “direito à história” e colonialidade, a autora convida à um deslocamento político que possibilita não somente a visibilidade dos indígenas na cidade, mas sobretudo seu reconhecimento como sujeitos plenos de direitos.

O último texto do dossiê é **Ensino de História para alunos surdos: a construção de conhecimento histórico a partir de sequências didáticas**, escrito por Patrícia Bastos de Azevedo e Camilla de Oliveira Mattos. As autoras refletem sobre a construção de sequências didáticas que tematizam o tempo e que foram pensadas a partir de uma perspectiva inclusiva e bilíngue para estudantes surdos do 6º ano. São apresentadas discussões oportunas sobre o letramento e o aprendizado histórico desses estudantes a

Apresentação

Carina Martins Costa, Luisa Tombini Wittmann, Nucia Alexandra Silva de Oliveira

partir de uma pesquisa realizada junto ao programa vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A coletânea dos trabalhos imprime indícios para novos futuros e, portanto, afloram sóis para o campo do ensino de História.

Boa leitura a todos/as.

Carina Martins Costa, Luisa Tombini Wittmann, Nucia Alexandra Silva de Oliveira

Organizadoras

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos
Volume 18 - Número 38 - Ano 2017
revistapercursos@gmail.com